

Edição de José Luís Cabaço

Graduado em Sociologia pela Universidade de Trento (1971), no pós-independência foi Ministro dos Transportes e Comunicação (1975-1980) e foi nomeado como principal pessoa de ligação entre Moçambique e Itália. Foi Ministro da Informação (1980-1986) e teve papel na construção da TV Experimental e do Centro de Formação Fotográfica com ajuda da Itália. Teve relações de amizade com algumas figuras tais como Mário Raffaelli, Giulio Andreotti, etc. Em 1994 foi Oficial de Informação Pública da ONUMOZ.

Projecto: Moçambique, Da Guerra e da Paz (2016).

Moçambicano

P.: Quais eram as principais acções políticas que se realizavam em Moçambique para a libertação, nos anos que antecederam a Independência?

JC: Havia acções políticas nos dois sentidos: Havia manobras do colonialismo – as mais significativas, talvez, foram as do Kaulza da Arriaga¹ e do Jorge Jardim² que, de alguma forma, andavam concertadas, eram manobras – e estava nascendo um movimento, digamos, de jovens empresários na faixa dos 30 anos, muitos deles filhos de colonos, que estavam procurando saídas para uma Independência.

Jorge Jardim era um projecto neocolonial, o Kaulza era o prolongamento do colonialismo e o terceiro movimento que era desses jovens que não eram, propriamente, como os rodesianos. Eles criticavam muito a Rodésia, mas queriam, fundamentalmente, uma Independência na qual eles pudessem preservar as propriedades, os privilégios, etc.

Depois, por outro lado, havia as forças a favor da Independência em que sem dúvida, a mais enraizada foram algumas Igrejas, não a Católica, mas algumas Igrejas Protestantes, principalmente, que recolhiam fundos, que mobilizavam, que transmitiam notícias, mantinham uma informação e mobilização importantes.

Depois, em '71/'72 apareceu o movimento académico, com muita força. Os estudantes universitários começaram a tomar consciência da situação a partir de fins dos anos 60, princípio dos anos 70, foram-se politizando, a coisa foi radicalizando também pela força repressiva do colonialismo e alargou muito esse movimento. Esse é um movimento um pouco insólito porque, do ponto de vista da classe social, era constituído, fundamentalmente, pelos filhos dos privilegiados, eram privilegiados também, por isso estavam na Universidade, quando a maior parte dos outros Moçambicanos não estava na Universidade. Mas eles radicalizaram, desenvolveram um sentimento muito a favor da Independência, aderiram, ideologicamente, ou emocionalmente, à FRELIMO, faziam propaganda e mobilização da FRELIMO. De alguma forma, conseguiram algumas ligações com a rede clandestina da FRELIMO, que era uma rede não muito articulada, mas bastante activa, no sentido de circulação de informação.

¹ **Kaúlza Oliveira de Arriaga** (Porto, 18 de Janeiro de 1915 — Lisboa, 3 de Fevereiro de 2004) foi um general português, escritor, professor e político. Sob ordens de Salazar e Marcello Caetano, foi comandante das Forças Terrestres em Moçambique (1969-1970) e foi Comandante em Chefe das Forças Armadas em Moçambique (1970/1973) durante a Guerra do Ultramar. Foi membro do Conselho da Ordem Militar de Cristo (1966/1974). Depois do 25 de Abril de 1974 foi passado compulsivamente à situação de reserva sendo depois preso no 28 Setembro. Sem culpa formada, após 16 meses de detenção foi libertado em Janeiro de 1976. Em 1977 criou o Movimento para a Independência e Reconstrução Nacional (MIRN), um partido de direita, do qual foi Presidente até à sua extinção a seguir às eleições legislativas de 1980. Em 2004 vem a falecer vítima da doença de Alzheimer.

² **Jorge Pereira Jardim** (Lisboa, 13 de Novembro de 1919 — 1 de Dezembro de 1982) foi um engenheiro agrónomo, empresário e agente secreto português. Foi amigo pessoal de Ian Smith, primeiro-ministro da Rodésia (hoje Zimbábwe), e do presidente Hastings Kamuzu Banda, do Malawi. Ainda antes do 25 de Abril de 1974, tentou pela via diplomática resolver a independência de Moçambique, apresentando o seu "Plano de Lusaka" sem a entrega unilateral do poder à Frelimo.

Esse grupo acabou por ter um papel importante, porque de alguma forma, desenvolveu um poder importante que é o poder do conhecimento e que a certa altura foi necessário.

P.: O Dr. Cabaço, particularmente, estava na rede clandestina. Como é que essa rede clandestina se ligava com este tipo de acções, movimentações?

JC: Ligava pouco e eu vou explicar porquê. Porque a FRELIMO tinha tido uma experiência da IV Região, no princípio dos anos 70 fins de 60, quando tentou, realmente, criar uma rede com características clássicas. Essa rede foi detectada pela PIDE³ e foi completamente desmantelada. Foram presos os guerrilheiros que tinham vindo para trabalhar nessa rede e foram presos também uma série de gente da cidade, gente que estava cá radicada, uns intelectuais, outros activistas, etc.

Portanto, a FRELIMO teve a percepção do nível desse processo de repressão e por sua vez, levou a PIDE a alargar a rede de infiltrados. Então, o *réseau* de espões da PIDE nos bairros periféricos aqui e em certos ambientes era, realmente, muito grande.

Então, a FRELIMO organizou-se duma outra forma: Identificou alguns militantes, que podiam fazê-lo, porque tinham passaporte português, enfim, eram, mais ou menos, insuspeitos, ou pouco suspeitos nalguns casos e deu-lhes lições específicas. Um dos elementos dessas lições era: *“Você está proibido de montar uma rede”*. Tanto assim é que, por exemplo, eu estava aqui e só em Setembro de 1973 – eu trabalhei inclusivamente com o camarada Mário Machungo⁴ na Associação dos Naturais, eu consegui ser II Vice-Presidente e fui lá encontrá-lo como I Vice-Presidente – é que descobrimos que os dois estávamos lá pelas mesmas razões. Mas nem o Mário Machungo sabia de mim, nem eu sabia dele e foi um episódio, absolutamente, por acaso, em que nós acabámos descobrindo que estávamos trabalhando para a FRELIMO. Nunca mais falámos no assunto, quando descobrimos, nunca mais... se antes nós falávamos de política, deixámos de falar de política entre nós. Porque, realmente, era preciso eu não saber nada do que ele estava a fazer e ele não saber nada do que eu estava a fazer. Por isso ele tinha alguns contactos e eu tinha os meus. Um primo meu que trabalhava no Gabinete do Kaulza de Arriaga, em Nampula e que não sabia que eu era da FRELIMO, mas sabia que eu na Itália tinha amigos que podiam ter ligações e levar informações para a FRELIMO trazia-me informações, não sabendo, exactamente, porque é que trazia... tinha confiança em mim, naturalmente e eu fazia chegar essas informações à FRELIMO, principalmente sobre os códigos que estavam a ser descobertos e outras coisas dessa natureza.

Mantive também uma relação pessoal com o Dr. Ivo Garrido⁵, que estava na tropa, também em Nampula e quando vinha a Maputo falava comigo. Também ele percebeu que eu tinha contactos na Itália, porque eu tinha estudado na Itália. Então ele dizia-me: *“Se pudesses fazer chegar isto lá, vê lá, manda... quando fores...”* Eles não sabiam que eu era da FRELIMO, mas sabiam que eu podia ser um canal de levar essas informações.

Foram as únicas duas pessoas que eu cheguei um pouco mais longe, do que aquilo que estava autorizado pelo Partido.

³ PIDE - Polícia Internacional e de Defesa do Estado - foi a polícia política portuguesa entre 1945 e 1969, responsável pela repressão de todas as formas de oposição ao regime político vigente.

⁴ **Mário Fernandes da Graça Machungo** (1 de Dezembro de 1940 – Lisboa, 17 de Fevereiro de 2020) Foi Ministro da Indústria e Comércio de 1975 a 1976, Ministro da Indústria e Energia de 1976 a 1978, Ministro da Agricultura de 1978 a 1980 e Ministro do Planeamento e Desenvolvimento de 1980 a 1986. Entre 1983 e 1986 foi ao mesmo tempo governador da província da Zambézia. De 17 de Julho de 1986 a 16 de Dezembro de 1994 ocupou o posto de primeiro-ministro de Moçambique. Durante a sua administração, a FRELIMO renunciou à ideologia marxista e decidiu abandonar o sistema de partido único, estabelecendo um sistema multipartidário. Posteriormente envolveu-se no sector privado. A partir de 1995 tornou-se Presidente do Conselho Consultivo do maior banco do país, o Banco Internacional de Moçambique, que usa a Marca comercial Millennium bim.

⁵ **Paulo Ivo Albasini Teixeira Garrido**, (Maputo, 19 de Junho de 1951) Médico, pela Faculdade de Medicina da Universidade Eduardo Mondlane entre 1968 e 1977. O Curso foi interrompido em Setembro de 1972 quando foi expulso da Universidade e incorporado nas Forças Armadas de Portugal, onde permaneceu até Agosto de 1974. Retomou os estudos em 1975. Especializou-se em Cirurgia em 1986 e frequentou o Curso de Mestrado em Educação de Trabalhadores de Saúde (MHPE) entre 1997 e 2001, na Faculdade de Ciências de Saúde da Universidade de Maastricht (Holanda). Exerceu clínica geral, cirúrgica e diversos cargos de direcção em vários centros hospitalares do País, foi Director Provincial de Saúde de Manica e Reitor do Instituto Superior de Ciências e Tecnologia de Moçambique (ISCTEM). Foi Presidente da Associação de Cirurgiões da África Oriental (ASEA) e Membro Fundador do Colégio de Cirurgiões da África Oriental, Central e Austral (COSECA). Foi nomeado Ministro da Saúde em 2005 cargo que exerceu até 2010.

P.: Já agora, por razões de História, qual era a sua missão?

JC: Eu entrei para a FRELIMO em 1967 e recebi instruções de manter o meu passaporte limpinho e estudar. As instruções que a FRELIMO me deu foram as mesmas que deu o meu pai: “*Estuda muito, meu filho e vem para casa*”. Não sabia porque é que eu tinha que estudar muito, mas manter-me fora dos holofotes da política e depois, quando estava terminando o meu curso recebi instruções da FRELIMO para procurar emprego em Moçambique, de preferência um emprego que me desse mobilidade. Arranjei um emprego na CODAM. O dono da CODAM era um amigo meu, que já me tinha falado: “*Quando vieres, vens trabalhar comigo...*” Entretanto, eu falei com ele e fiquei como Director de Recursos Humanos, na altura chamava-se Director de Pessoal.

Isso era uma situação muito favorável que me permitia visitar o pessoal que estava nas várias obras, nos vários acampamentos, espalhados em zonas de guerra. Eu viajava muito pelo País e quando viajava, naturalmente, eu era branco – e sou ainda... - Director duma empresa, estava um pouco acima de suspeitas. Então chegava, os comandantes militares sabiam que eu tinha chegado, convidavam-me logo para tomar um aperitivo e conversávamos. Era convidado para jantar com eles e naturalmente, era uma coisa que eu fazia com bastante regularidade, dizia: “*Como é que é a segurança deste quartel? Os meus homens estão seguros? Como é que vocês estão a segurar este quartel? Eu tenho que saber sobre as condições de segurança dos meus homens aqui*”. Então, eles punham-me mapas à frente, punham-me planos, punham-me uma série de informação privilegiada que eu procurava, digamos assim, decorar o mais possível e quando chegava ao quarto ia tomar umas notinhas que era para não perder completamente. Consegui muita informação boa.

Outra informação boa que eu consegui também, foi aqui, identifiquei alguns bares que eram frequentados por gente ligada ao Jorge Jardim, gente operacional, gente da PIDE, etc., ia lá tomar o meu copo, conhecia aqueles amigos de bar: “*Olá, boa noite, como está?*” Eles adoravam no bar, ainda por cima com os copos, contar as suas façanhas de guerra e eu ia registando as informações que circulavam ali no bar.

Além disso, recolhia documentos. Naquela altura havia o Centro de Documentação e Informação do Banco Nacional Ultramarino, CEDIMO, que produzia muitos documentos. Eu tinha uma boa relação com o Ilídio Rocha, que me passava os documentos todos que a CEDIMO produzia. Não era uma informação clandestina, mas era uma informação sistematizada. Eu recolhia essa informação, e organizava-a.

Eu combinei na CODAM com o meu patrão que não queria gozar um mês de férias, queria gozar duas vezes 15 dias. Então, duas vezes por ano eu ia à Europa, tinha um contacto através da Itália, com o Danilo Gasperi. O Danilo era o meu contacto da FRELIMO, ele estava em contacto com a FRELIMO também. Eu daqui telefonava para ele: “*Danilo, eu vou aí ver os amigos, os colegas de Universidade...*” e ele já sabia que quando eu dizia isto, ele telefonava ou para Dar es-Salaam ou para a Argélia e alguém vinha para se encontrar comigo, normalmente o Óscar Monteiro⁶, mas também o Jacinto Veloso⁷ entre outros. Passava-lhes os documentos e as informações que tinha, fazíamos uns *briefings* e depois via, inclusivamente, alguns colegas, que era para não haver muita confusão.

⁶ **José Óscar Monteiro** (Maputo, 1941) – Advogado, veterano da luta armada da Frelimo, foi representante da Frelimo na Argélia, organiza a audiência do Papa Paulo VI com os dirigentes nacionalistas, contribui para a adoção do estatuto de prisioneiros de guerra para os combatentes das lutas de libertação. participou nas negociações secretas com o Governo Português que conduziram ao Acordo de Lusaka. Foi Ministro no Governo de Transição e no primeiro Governo de Moçambique Independente. Lecciona Direito Constitucional na Universidade Eduardo Mondlane [formou-se em Coimbra], dirige o Governo de Gaza onde fica conhecido como “*madlhayandlala*” (mata-fome). Faz parte do Bureau Político do Partido Frelimo, assessora o movimento de libertação da Namíbia, trabalha com Xanana Gusmão na prisão de Salemba em Jakarta. Participa na formação da nova geração de dirigentes da África do Sul multirracial, como Professor na Universidade de Wits, faz parte do Comité de Peritos em Administração Pública das Nações Unidas.”

⁷ **Jacinto Veloso**, General na reserva, nasceu em Lourenço Marques, hoje Maputo. No início de 1963, juntamente com João Ferreira, abandonou Moçambique com destino a Dar-es-Salaam, na Tanzânia, pilotando um avião da Força Aérea Portuguesa e tornando-se membro da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Foi professor no Instituto Moçambicano de Dar-es-Salaam, ministro na Presidência para os Assuntos Económicos e ministro da Segurança no governo de Samora Machel. Dirigi a comissão intergovernamental que negociou a assinatura do Acordo de Nkomati com o regime de Pretória e trabalhou activamente no processo da procura da Paz para a África Austral.

P.: Eu fiz essas perguntas porque é uma questão importante para o assunto que vamos discutir a seguir, que é o nível de conhecimento da FRELIMO da realidade concreta do País à data da Independência?

JC: O conhecimento tem sempre dois níveis de percepção: Um é a percepção documental, teórica, informativa, etc., a outra é a sensitiva. A FRELIMO sabia o que se estava passando em Moçambique, tinha conhecimento militar, económico, etc., também a partir dos outros meus colegas que trabalhavam aqui que passavam informação, Machungo e outros, o camarada Comiche⁸, outra gente que fazia trabalho idêntico.

Mas, a sensibilidade sobre o estado geral, como é que as pessoas reagiam, era uma sensibilidade um pouco antiga. Quer dizer, os quadros da FRELIMO tinham saído nos anos 60, 65, 67, etc., mas nos últimos 4-5 anos houve uma profunda transformação da sociedade moçambicana, uma grande dinâmica da sociedade moçambicana e quando eles voltam, tinham alguma dificuldade em compreender isso e aí tiveram que se apoiar muito nos antigos presos políticos, porque esses tinham essa sensibilidade, mas o protagonismo normal, dos antigos presos políticos, criava uma certa rivalidade, uma certa desconfiança: *“Esses aqui, no fundo, estiveram presos, tiveram contactos com a PIDE, estão feitos com ela, não estão feitos...”*.

Isso ficou sempre um pouco em cima desses camaradas, que foi gente que fez um trabalho extraordinário depois da Independência e acabaram numa reunião dos antigos presos políticos. Fizeram uma espécie de julgamento aos antigos presos políticos e esse foi um dos problemas. Na realidade, os antigos presos políticos tinham um capital, que é o capital da sensibilidade. Mas quando os guerrilheiros chegaram tinham uma certa rigidez na relação com as pessoas, enquanto os presos políticos tinham uma certa maleabilidade e eles pensavam: *“Ele está contaminado pelo colonialismo”*. Então, esse problema foi um problema que caracterizou os primeiros anos e caracterizou, fundamentalmente, um pouco o drama dos antigos presos políticos, que tinham sido fundamentais.

P.: Na sua opinião, terá havido também alguns preconceitos levados por esse grupo que tinha saído nos anos 60 e talvez uma visão de Moçambique que levou que algumas decisões fossem tomadas sem ter em conta também essa sensibilidade? Por exemplo, a agressividade em relação à Igreja.

JC: A agressividade em relação à Igreja é uma história sempre mal contada, na minha opinião. Eu tenho a minha visão, naturalmente, respeito a visão dos outros, mas é uma história mal contada, porque o problema com a Igreja foi, principalmente, com a Igreja Católica porque, fundamentalmente, tinha uma profunda ligação com o colonialismo. Tinha uma profunda ligação com Portugal, com o Cardeal Patriarca e com os Bispos portugueses.

Na realidade, Samora, que era particularmente sensível a essas coisas, o que ele pretendia era que os Bispos moçambicanos fizessem uma autocrítica, não pessoal, mas da Igreja. Essa autocrítica significava uma rotura do ponto de vista das ligações pessoais, com essas dependências que eles tinham em Portugal, através das quais os antigos colonos faziam o seu trabalho. Os Bispos e, principalmente, o falecido Bispo da Beira, em particular, pois era o líder, nunca quiseram fazer essa autocrítica: *“Sim... nós cometemos erros...”* Mas nunca quiseram fazer a autocrítica de fundo, que era aquela do corte do cordão umbilical, com a hierarquia religiosa portuguesa. Isso levou a uma radicalização, levou a exageros também, mas levou, fundamentalmente, a uma radicalização das relações que só, posteriormente, é que foram reatadas e retomadas.

P.: Mas eu estava a falar da questão da Igreja como uma questão mais global, tem a ver também com os poderes tradicionais. Há uma série de medidas que são tomadas onde tudo que cheirasse um

⁸ **Eneas da Conceição Comiche** (Moma Nampula, 28 de Julho de 1939) é um economista e político moçambicano. De 1977 a 1986 foi Presidente do BPD (Banco Popular de Desenvolvimento), e Vice Ministro das Finanças de 1984 a 1986, acumulando o cargo de Presidente do BPD. Foi Governador do Banco de Moçambique no ano de 1986, Ministro das Finanças em 1991, Ministro na Presidência para os Assuntos Económicos e Sociais de 1994 a Dezembro de 1999. Foi presidente do conselho de administração do BCM - Banco Comercial de Moçambique. Quando o BIM e BCM fundiram, foi Vice Presidente do Grupo BIM. Em Dezembro de 2003 foi eleito Presidente do Município de Maputo, como candidato da Frelimo. Foi Presidente da Comissão de Plano e Orçamento na Assembleia de República, onde também foi deputado pela Bancada Parlamentar da FRELIMO, até Janeiro de 2019. Actualmente é o Presidente do Município de Maputo, desde Fevereiro de 2019.

pouco a colonialismo tinha que ser eliminado e daí uma certa radicalização, mas também, depois provocou o problema, mais tarde, na guerra, que uma certa base social se virou para a insurgência...

JC: Não, o problema das relações com a chamada sociedade tradicional, porque não existe exactamente uma sociedade tradicional, mas com a chamada sociedade tradicional, está ligado com o facto de a FRELIMO ser portadora dum discurso de modernidade. Esse discurso de modernidade entra em confrontação com um discurso conservador ligado à sociedade tradicional. Depois, vêm já duma tradição das zonas libertadas onde esse problema se pôs – a primeira grande confrontação que a FRELIMO teve no plano interno foi com alguns chefes tradicionais, os famosos *Chairmen* de Cabo Delgado.

Portanto, o poder tradicional vem já um pouco estigmatizado por essa experiência. Indiscutivelmente, nalguns casos houve generalizações que não eram correctas, mas a FRELIMO traz um discurso de modernidade, que é o discurso da guerrilha, da nova geração, etc., e sente que a grande resistência ao seu discurso de modernidade está nisso. Então, duma forma nem sempre muito correcta, nem sempre muito pacífica, aceita esta confrontação. Nalgumas coisas era importante, como por exemplo, o problema da poligamia, o movimento das mulheres combatentes, etc. Tinha aprendido na sua prática de vida, que a libertação da mulher passava através da eliminação da poligamia, porque a poligamia é uma forma de dominação da mulher. Isso aí não tem nada a ver com o carácter ideológico, isto tem a ver com o carácter duma outra luta que vinha dentro da FRELIMO que é a luta da emancipação da mulher.

Depois há o problema do pensamento científico que entra em confrontação com as práticas mágicas tradicionais. A FRELIMO vem com a força da vitória, vem com a força daqueles que tinham derrubado o colonialismo e também com uma certa arrogância do vencedor e não encontra uma forma de dialogar, não tem a paciência para dialogar com estes problemas internos.

Então, a polarização que depois se cria na sociedade moçambicana motivada por factores externos também, como a África do Sul, Rodésia, os próprios portugueses ainda, os ex-colonos, a Guerra Fria⁹, todos esses elementos, leva a uma polarização interna também. Esse conflito acaba por se polarizar nessa perspectiva. A partir de princípios dos anos 80 começámos a ter um problema, realmente, de fractura, do tecido social moçambicano, entre uma área moderna - entre muitas aspas - e uma área tradicional - entre muitas aspas - que acabam por caracterizar esta confrontação que não tem nada de ideológico, em termos de Guerra Fria. Todo esse discurso de democracia são patacoadas, não tem nenhum significado. Tem, fundamentalmente, este significado da confrontação das duas faces da sociedade moçambicana.

P.: Mas, explica de certa maneira a aliança que se faz, inicialmente, entre esse grupo que acabou de referir no princípio da entrevista que é o grupo dos filhos dos colonos que estão, mais ou menos, ligados à Universidade e fazem esse movimento com a própria FRELIMO que precisa de quadros para implementar o seu projecto. É, de facto, esse grupo que vai fazer o trabalho com a FRELIMO...

JC: Esse grupo é um grupo que tem, na minha opinião, um drama, porque da mesma maneira que os antigos presos políticos tinham o capital da experiência urbana, da experiência vivida, da sensibilidade urbana, etc., esse grupo é portador de um outro capital, que é o capital do Conhecimento que tinha sido, por razões históricas do colonialismo, completamente canalizado e colocado num grupo social que eram os brancos, os colonos. Os colonos e os seus colaboradores, com poucas excepções. Então, esse grupo é chamado, a responder a uma necessidade de reorganização do país e responde com grande entusiasmo e generosidade, mas não é reconhecido, como tal.

A FRELIMO depois salta dos guerrilheiros para o 8 de Março¹⁰ e esse grupo está no meio. Eles é que ligam estas duas coisas, mas eles desaparecem um pouco da História, por razões várias, também porque

⁹ **Guerra Fria** é a designação atribuída ao período histórico de disputas estratégicas e conflitos indirectos entre os Estados Unidos e a União Soviética, compreendendo o período entre o final da Segunda Guerra Mundial (1945) e a extinção da União Soviética (1991), um conflito de ordem política, militar, tecnológica, económica, social e ideológica entre as duas nações e suas zonas de influência. É chamada "fria" porque não houve uma guerra directa entre as duas superpotências, dada a inviabilidade da vitória em uma batalha nuclear.

¹⁰ **8 de Março de 1977** – Nesta data o Presidente Samora Machel num comício no Pavilhão do Maxaquene anunciou a suspensão da 10ª e 11ª classes e os cerca de 600 estudantes foram chamados a desempenhar várias tarefas entra elas no domínio da Educação. Estes jovens, na altura, têm sido reconhecidos actualmente, como Geração da Independência.

o processo da descolonização interna do País, faz as suas vítimas sociais, as suas vítimas de classe. De alguma forma esta é uma geração que traz o estigma da classe, traz o estigma do privilégio que, de alguma forma, eram representantes e traz um outro estigma, dum grupo social, novo, pouco conhecido, reconhecido nalguns aspectos, noutras nem tanto, mas que é portador dum poder muito grande, que é o poder do Conhecimento. Não há mais ninguém, não há mais nenhum grupo social no quadro das forças ligadas ao processo revolucionário, que tenha tanto controlo do Conhecimento científico, técnico, etc., como este grupo. Por isso é que o grupo ocupa posições importantes, naquela altura, nas empresas estatais, Direcções Nacionais, Caminhos de Ferro, etc.

Legenda: Também o grupo, de certa maneira, tem alguma ligação, ou tem alguma postura ideológico-política, quando aparece o marxismo-leninismo...

JC: Tem, também tem. A opção desse grupo pela nacionalidade moçambicana é uma opção afectiva, sentimental, genuína, mas é também uma opção ideológica. Eles aderem a um projecto Samoriano, que responde, em muito, àquilo que tinha sido a politização que eles tinham sofrido na radicalização dos últimos anos do colonialismo, perante a máquina colonial.

Também este grupo - e vamos ser muito claros - depois ocupa posições de privilégio e devo dizer, na minha opinião, que grande número deles, não fica ligado a essa situação de privilégio, mas há um pequeno grupo que fica ligado a essa situação de privilégio. O que eu quero dizer é que ao fim de 2, 3, 4 anos, do exercício do seu lugar privilegiado na sociedade, assumem-se como privilegiados na sociedade. Então, um prejudica cinco, quer dizer, um arrogante, um engenheirosinho branco arrogante cria uma imagem que se vai reflectir sobre os outros que não são arrogantes e que não são engenheiros... podem ser engenheiros, mas não são arrogantes, mas que estão, realmente, numa disponibilidade de serviço ao País. Isso também aconteceu. Há um instinto de classe que nalguns casos se explicitou.

P.: Eu gostava de introduzir a sua própria trajectória, é Ministro da Informação no Governo de Transição, depois Ministro dos Transportes e Comunicações e, de novo, volta à Informação que eu saiba e, até de certa maneira, estive pessoalmente ligado a isso. Enquanto Ministro da Informação lida muito com a radicalização deste grupo, enquanto que no Ministério dos Transportes lida mais com aquilo que ficou conhecido como o grande grupo dos homens dos Caminhos de Ferro. Portanto, vive os dois lados, da relação da FRELIMO com este grupo, não sei se queria desenvolver...

JC: O campo da Informação é sempre um campo mais ideológico. Todos os campos ideológicos são mais fluidos, são mais complicados, são mais variáveis. Então, a gestão do grupo social, ou do grupo profissional, cuja tarefa é ideológica exige um determinado tipo de relacionamento.

Nos Caminhos de Ferro, nos Correios é gente de arregaçar as mangas em cima do trabalho e, felizmente, eram todos ideologicamente de confiança. Mas tinham, de alguma forma, um espírito ferroviário, um espírito portuário, muito forte.

Depois, criou-se uma situação que eu devo reconhecer. Aquele grupo de jovens de 20 e poucos anos, acabados de sair da Universidade, ou ainda a sair da Universidade, que tomou conta da máquina industrial mais poderosa deste país que eram os Caminhos de Ferro, que substituiu os engenheiros mais famosos em Moçambique, no tempo colonial, que eram os engenheiros dos Caminhos de Ferro, eles eram muito ciosos e muito orgulhosos da capacidade que tinham desenvolvido. Eles trabalharam desalmadamente, eles estudaram, eles aprenderam, eles foram, realmente, duma qualidade extraordinária e tanto assim é, que quando eles começaram a ser menos importantes, na vida dos Caminhos de Ferro e nem só aí, mas em vários sítios, muitos deles eles encontraram lugares nas organizações internacionais, porque a sua competência era muito elevada, eles tinham aprendido muito jovens, tinham tido uma experiência prematura que normalmente se ganharia aos 40 anos. Eles aos 30 tinham ganho essa experiência.

Eu tenho um caso, por exemplo, dum jurista que tinha acabado de sair lá de Coimbra, veio trabalhar comigo no Ministério de Transportes. Ele, jovenzinho, andava ali ainda com os livrinhos na mão e de repente houve gente que fugiu com aviões, gente que fugiu com barcos, navios que foram desviados, navios que ficaram retidos aqui e era preciso fazer processos internacionais. Ele teve que entrar nesta matéria da legislação, complicadíssima. De repente, com vinte e poucos anos, foi tratar desses assuntos. Ele daqui telefonava, telefonou do meu gabinete, para os professores e os professores então diziam: *“Isso aí não sei como... é melhor tu ires ver isto e aquilo...”* Quando teve de ir para Portugal por razões de saúde, passado um ano, estava na União Europeia a trabalhar, porque era um dos juristas portugueses com trinta anos de idade, que tinha mais experiência... Quando é que se roubou um avião em Portugal? Quando é que se roubou um barco em Portugal? Quando é que os juristas portugueses entraram em contacto com esse tipo de legislação de conflitos internacionais? Aqui entravam as relações com a África do Sul, com o Zimbabwe... Houve muita coisa que esta geração ganhou um conhecimento e uma experiência extraordinária.

P.: Esta geração dos Caminhos de Ferro, digamos, que é uma geração que é um bocado fiel à ideia, como acabou de dizer, do “ferroviário”: “Nós somos ferroviários, nós somos dos Caminhos de Ferros, nós somos um grupo especial”. Já na Informação e noutros grupos a situação é um pouco diferente...

JC: É um pouco diferente. A Informação é um sítio complicado, porque um engenheiro dos Caminhos de Ferro é engenheiro dos Caminhos de Ferro da Beira, de Maputo, de Nacala, etc. O jornalista que sai da escola, alguns deles tinham a 6ª classe, outros a 8ª - 9ª classe, entram na Escola de Jornalismo, que inventámos, com recursos parcos e poucos meios, fazem um curso de 2 anos, porque precisávamos urgentemente de ter gente para preencher os quadros da Informação e, de repente, têm um Jornal Notícias na mão, onde o que eles escrevem é nacional, a opinião dele, que é uma opinião imatura, é uma opinião ideologicamente ainda muito crua, etc. Mas de repente ele sente um poder extraordinário. É muito difícil para o próprio jornalista, é muito difícil... e depois assina lá com o seu nome.

P.: Mas foi o Ministro Cabaço que me pôs a mim, com 21 anos, a chefiar a redacção da Rádio Moçambique, ou seja, a alternativa para a FRELIMO qual era?

JC: Você era uma pessoa competente, tinha os seus problemas também, como qualquer um naquela altura e eu procurei à minha maneira, lidar com esses problemas. Não sei se lidei bem, se lidei mal, mas à minha maneira procurei lidar com esses problemas, mas tinha que ser você. Você depois saiu dali e foi trabalhar no Cinema. Assumiu responsabilidades no Cinema, como assumiu responsabilidades em vários sectores.

P.: O que eu estava a querer referir é que no caso da Informação, grande parte desse grupo da geração, também estou a falar especificamente do grupo que entra primeiro no jornal que depois, de certa maneira, abandona a prática quotidiana do jornalismo, vira produtor, vira empresário. Naquela altura havia um grupo grande que estava a trabalhar na Comunicação... Portanto, é um pouco diferente do caso dos ferroviários que até hoje lá estão.

JC: Exacto, profissionalizaram-se naquele sector e ficaram toda a vida ali. Os outros profissionalizaram-se uma parte e depois desenvolveram-se para outros sectores, o que também é um pouco a história dos jornalistas. Hoje em dia, os jornalistas dos outros países do mundo que são veteranos e que são jornalistas há 40 anos não são tantos...

P.: Certo. Eu queria perguntar se, em relação ainda àquilo que falou o Dr. Cabaço que é a questão de que um jovem com 20 anos ter, obviamente, uma grande atracção pelo poder. Numa passagem do poder dum País que tem tanto quadro para preencher e que estava ali quase à vista eu poder ser chefe, rapidamente. Portanto, houve muitos jovens, na minha opinião e estou a perguntar-lhe se também é a sua, que terão aderido ao projecto, também um pouco motivados por essa ideia que vão ter o exercício do poder que não teriam em condições normais e que depois percebem que, afinal, não ... têm o poder, mas não *tropo*...

JC: Exactamente... Eu penso que há as duas coisas. O jovem que sai da Universidade está ansioso por fazer carreira e fazer carreira, no fundo, é ir conquistando o poder na empresa, na organização, nas instituições, etc. Não é, propriamente, o que está a salivar pelo poder, não vejo tanto assim... mas vejo até pela sua capacitação profissional, experiência, etc. Realmente, o processo da Independência criou essa armadilha. Colocou, em cima da mesa, onde estavam sentados estes jovens, a possibilidade dum petisco. Um petisco que fosse o exercício do poder, puro e simples, mas o exercício do poder está muito ligado também com os bens materiais e naquela altura os bens materiais não estavam em primeiro plano, porque não havia acesso aos bens materiais. Portanto, era o poder, o poder pela sua capacidade profissional, pela sua capacidade de ser o melhor.

Eu, sinceramente, lembro-me de uma dúzia de casos de poder material. Era muito arriscado naquela altura, se você era apanhado aí com a mão na gaveta, fechavam-lhe a gaveta e você partia a mão... isso era o problema. Não havia as facilidades que existem hoje, com gavetas sem fechadura.

Mas eu penso que na minha análise dessa geração, ela tinha uma carga ideal muito grande, além de ideológica. Eram idealistas, eram românticos, eram utópicos, no bom sentido da palavra. A utopia é aquilo que se deve realizar, não é aquilo que não se pode realizar. Eles eram utópicos e havia um grande entusiasmo, era gente que trabalhava muito. Isso é uma das coisas que eu guardo daquela geração, a dedicação ao trabalho, mesmo no jornalismo. As pessoas trabalhavam, as pessoas corriam riscos, as pessoas iam para as zonas de guerra, quer dizer, não tenho *recollections*, como se diz em Inglês, não tenho recordação de um jornalista dizer: "Eu não posso ir...eu não vou, tenho medo." Não, as pessoas iam, com medo, sim, mas iam... Há vários níveis, eu vou pôr um exemplo menos qualificado, mas é muito importante: O Cinema móvel que era constituído por operadores de cinema, jovens que estavam a começar na actividade do cinema, estavam aí no mato a fugir da guerra: "Há tiro aqui, fui para ali... vou fazer uma exibição ali... e depois saio dali a correr, porque tivemos informações que temos ali guerra...", quer dizer, foram até onde foi possível...

Depois há uma outra coisa que eu penso que é importante. É que esta geração de que estamos a falar foi generosa também, na preparação de outras gerações. Esta geração trabalhou com gente que tinha a 6ª classe, que tinha a 8ª classe, etc. e preparou bem essa gente. Muitos quadros que nós tínhamos, de formação académica relativamente baixa, uns com experiência, outros com inteligência só, mas sem experiência, tornaram-se gente muito importante. Na minha opinião, tornaram-se parte desta geração, que é a geração que garante a respiração deste País, nos primeiros 5 anos, vamos dizer 10 anos, da sua vida.

P.: O Dr. Cabaço, particularmente, estava numa situação especial, porque era antigo combatente, branco, intelectual, doutor e portanto, tinha por um lado o conhecimento e referências desse grupo e por outro lado também referências do grupo de liderança da FRELIMO. A minha pergunta é: Como é que a liderança da FRELIMO olhava para este grupo social?

JC: Vamos entender o que entendemos por liderança. O grupo da FRELIMO, de tomada de decisões, portanto, o *decision maker* da FRELIMO, não tinha preconceitos em relação a este grupo, antes pelo contrário, reconhecia a importância do grupo, durante esses anos, reconheceu sempre a importância do grupo e o trabalho que eles realizavam.

Em escalões um pouco mais baixos, muitas vezes me apercebi de que havia um certo ciúme, na minha opinião, sempre justificável, ou melhor, sempre explicável, porque a Independência tinha trazido para todos, pelo menos, para um grande número de moçambicanos, oportunidades. Este grupo que vinha do privilégio colonial era um pouco tampão desses, ocupava uma série de lugares técnicos e de conhecimento, de execução e de liderança que estavam na perspectiva de desenvolvimento, de crescimento e de promoção nas carreiras destes grupos do segundo escalão.

O primeiro escalão não tinha esse problema. O primeiro escalão, naqueles anos estava profundamente preocupado com a construção da Nação, construção do país, com a resolução dos problemas económicos, sociais, etc., e encontrava nesta gente preciosos auxiliares, para discussão e até na busca de soluções. Mas o segundo escalão via nesse grupo um tampão e isso notava-se, muitas vezes.

À medida que os anos foram passando apareceu uma nova geração já com qualificações também, já com outras expectativas de liderança. Vou falar, de novo, da minha experiência, nos Caminhos de Ferro, no Ministério dos Transportes e Comunicações, em particular, mas também um pouco na Informação. Nos primeiros anos após a Independência, eu tive gente com a 7ª / 8ª classe nos Portos, nos transportes rodoviários, nos Correios que assumiram funções de chefia e até com muita eficácia, com muito bons resultados, gente inteligente, muito dedicada, muito entusiasta, moçambicanos negros. Eles também entraram, para esta nova geração como tampão: “Aquele tipo tem a 7ª classe, como é que pode mandar em mim que acabei de sair da Universidade?”

Então, não é só o processo dos universitários brancos que tinham saído da Universidade Eduardo Mondlane, é uma geração. O grupo 8 de Março vem romper isto um pouco, vem dar uma nova abertura a esta situação, cria novas oportunidades.

Depois aqui é bom a gente não esquecer uma coisa: Esta gente - estou falando de novo da geração de que estamos a conversar - que aos 20 anos é projectada para lugares de responsabilidade, para os quais não tinha experiência, tinha talvez conhecimentos técnicos, mas não tinha experiência e, de repente, fica Director Nacional aos 25 anos... é Director de empresa, numa empresa estratégica. De repente, vê que a sua carreira terminou aos 30 anos, porque ele por condições históricas, dificilmente, excepcionalmente, poderá aspirar a mais do que Director Nacional. Ser Ministro, ser Secretário de Estado será muito difícil.

Então, esta gente também entra num nível de frustração de perspectiva de vida, que levou muita gente a abandonar o Estado, a ir para o sector privado, logo que houve essa oportunidade. Alguns abandonaram o país, porque foram à procura de outras oportunidades de carreira e económicas fora do país. Então, eu penso que esta geração de '75 a '80, mais ou menos, '78, '80 é uma geração muito ingrata, porque é uma geração que se esgota muito rapidamente. Se esgota, do ponto de vista da sua utilidade sociopolítica. Por isso é uma geração que hoje em dia não é muito valorizada do ponto de vista da História. Quando se fala em História faz-se o salto para a Geração do 8 de Março, esta geração não é falada hoje em dia.

P.: E na sua opinião porquê?

JC: Porque, em parte, trazem o “pecado original” do colonialismo, têm privilégios. Portanto, é uma geração que foi vista por muita gente que estava em ascensão como: “Pronto, agora acabou o tempo deles, eles já fizeram o que tinham que fazer... Paciência!” Então, valorizar esta geração significava um pouco problematizar a sua própria, problematizar a geração que vinha depois e nesta corrida, quem por alguma razão perde o fôlego, fica para trás e o fôlego histórico desta geração acabou cedo e foram substituídos depois por outro grupo.

P.: Há uma interpretação: “Fizemos porque tínhamos que fazer, o que nós queríamos mesmo era a Geração 8 de Março, mas naquela altura só podíamos fazer isso...”

A Geração do 8 de Março vem depois e nasce dum problema específico que é a Educação. Quer dizer, o grande vazio que se criou no País, logo nos primeiros anos da Independência, não é tanto nos engenheiros dos Caminhos de Ferro, nos técnicos da Agricultura. É, principalmente: “Quem é que vai ensinar as pessoas, porque nós não temos professores?”

Nós saímos dum colonialismo onde metade dos professores do ensino médio eram as mulheres dos militares que tinham um curso e como não tinham nada que fazer, ensinavam. Cria-se um vazio muito grande, quando os militares se vão embora, as mulheres vão com os maridos.

Outros professores eram comprometidos com o colonialismo, vão-se embora, também, porque se sentem mal. Então, nós ficámos, de repente, com um ensino médio, já não digo primário, mas principalmente, o ensino médio, sem professores. O professor, às vezes, tinha uma qualificação menor do que aquilo que estava ensinando. Era preciso intervir rapidamente sobre esta questão. Então, foi-se buscar essa geração que foi sacrificada também, pelo menos nas suas expectativas imediatas, porque

essa geração vem para o chamado mercado de trabalho e dizem-lhe: “*Você é licenciado, mas só daqui a 5 anos é que vai poder continuar a estudar e aperfeiçoar a sua profissão, porque agora vai ensinar*”.

Então, a transição duma sociedade colonial, profundamente desigual, para uma sociedade independente e soberana, trucidou várias gerações, no sentido de que obrigou várias gerações a renunciar a muitas coisas. Tiveram outras oportunidades, mas renunciaram a muitas coisas também. Eu penso que a Geração de 8 de Março não é rival desta geração. A geração de 8 de Março é cúmplice, é parceira desta geração, nesse esforço de reconstrução nacional.

Na realidade o país começa a mudar em '82, '83, '84 que é quando a Geração do 8 de Março também entra na vida normal do país. Esta geração também vai para a actividade privada.

P.: Há fenómenos que seriam importantes verificar neste período: Como é que essa geração inicial reagiu à guerra? Porque é evidente que houve um grupo muito pequeno de colonos que saiu, que estão ligados à formação da RENAMO no princípio da “Voz da África Livre”¹¹, mas há pessoas que ficam e que se confrontam com uma situação de guerra. Eu lembro-me quando foi o grupo dos 100¹², o grande medo que havia nas pessoas, obviamente nunca dito publicamente era: “Onde é que eu vou parar?... Vou para uma zona de guerra...”

JC: Mas disso toda a gente tinha medo...até os soldados. Vamos ser francos, a guerra é uma coisa que mete medo a toda a gente. O problema não é ter medo, o problema é saber ultrapassar o medo, saber conviver com o medo e essa geração, de uma forma geral, soube conviver com o medo.

Essa gente foi para grandes projectos, principalmente, nos anos 80, em '81, foram para os projectos em zonas muito difíceis, andaram a correr à frente dos guerrilheiros da RENAMO, pela estrada fora e não foi por isso que não voltaram para os seus lugares, para as suas posições. Eu quero lembrar sempre um jovem de vinte e tal anos que trabalhava nos Transportes Rodoviários do Centro e quando o primeiro machimbombo foi queimado, logo no princípio dos anos 80, no dia seguinte de manhã, os motoristas estavam com medo. Ele entrou no machimbombo com o motorista, foi até Chimoio e voltou.

Portanto, quando ele deu esse exemplo, os outros motoristas foram, mas ele era Director de empresa e foi. Ia cheio de medo, eu não tenho dúvidas nenhuma, eu se estivesse no lugar dele ia cheio de medo, mas foi. Isso aconteceu na Agricultura, está cheio de casos destes e noutros sectores de actividade.

Portanto, o ter medo, eu penso que é uma coisa absolutamente natural. Depois, dos que têm medo há dois grupos: os que têm medo e que o medo prevalece e os que têm medo e controlam o medo e que têm o sentido de dever muito desenvolvido e que diz: “Eu com medo tenho que ir... paciência!” Os casos dos que se recusaram por medo são muito raros, no meu conhecimento.

P.: A um determinado momento há uma outra variante que é a mudança de perspectiva ideológica do país que se pretendia marxista-leninista e que a partir de '82 se pretende ser de economia de mercado. Estamos a falar do tempo do carapau e do repolho, mas é também nesta época que se fazem algumas directivas, que mais tarde são revogadas: Partido único, uma sociedade muito estruturada de cima para baixo, pouca, democracia, fuzilamentos, etc. Como pensa que esta relação entre um ideário marxista, democrático e uma aplicação que não foi tão democrática assim e, em certo momento, agrediu algumas culturas populares?

JC: Essa é uma pergunta complexa porque tem várias *nuances*. Vou começar pela *nuance* mais baixa e depois irmos para a *nuance* mais alta.

O camponês que está numa aldeia comunal, ou, mais ou menos, comunal e que é mobilizado para ser das milícias. Para quê? Para defender dois princípios fundamentais: A aldeia comunal, a socialização do campo, a FRELIMO. De repente, a gente chega ao fim dos anos 80 e ele esteve ali, na aldeia, porque

¹¹ **Voz da África Livre** era a rádio oficial da RENAMO, criada em 1976 por Orlando Cristina, com o apoio da CIO Rodésiana.

¹² **Grupos dos 100 +** - Nome pelo qual ficou, popularmente conhecido, um grupo de técnicos com licenciatura, residindo e trabalhando em Maputo que foram espalhados por todo o país em projectos de desenvolvimento, muitas vezes em áreas de trabalho que não eram da sua especialidade.

da aldeia não dá para sair, é ali que está e luta, tem primos e irmãos, pais e mães que morrem neste processo e sempre lhe vão explicando: *“Estamos a trabalhar para o futuro, porque este é o mundo que vamos construir”*. De repente, em mil novecentos e oitenta e não sei quantos, chega-se e lá e diz-se: *“Olha, enganámo-nos... aldeia comunal não é nada, socialismo não é nada, agora mudámos tudo”*. Para este indivíduo é muito complicado. Eu penso que este é um problema muito mais sério do que o técnico que está na cidade, ou, enfim, nos centros urbanos e que, de repente, fica frustrado porque os objectivos, ou a utopia que ele tinha construído, desmorona. Mas eu não paguei preços afectivos a esse nível que pagou, por exemplo, o camponês das aldeias comunais.

Então, é mais fácil regenerar um quadro deste segundo tipo, do que regenerar psicologicamente um camponês do primeiro grupo de que falei. O nível de incompreensão do *“Onde é que eu estou? Eu sou parte de quê?”* é grande. Para quem estava aqui na cidade: *“Ah, sim, Guerra Fria, pois... temos que ser pragmáticos...”* Enfim, vão-se encontrando justificações... É verdade que se perde a utopia, perde o projecto, perde o destino, mas pela sua formação cultural, vão-se criando mecanismos de racionalização desses processos. Para o que viu morrer o pai e a mãe na guerra para defender isto, de repente: *“Não é nada disto, enganámo-nos!...”* É uma coisa muito mais difícil de regenerar.

Eu penso que onde a desilusão ideológica dos quadros superiores, da estrutura administrativa, económica e social se manifesta é no entusiasmo. Quer dizer, eu sacrificava-me porque tinha um objectivo, agora, deixo de me sacrificar, porque esse objectivo falhou. Faço o meu trabalho, acabou... e fica por aí. Não me pedem mais do que isso, porque eu faço o meu trabalho, justifico o meu salário, justifico a minha responsabilidade, mas perdi o entusiasmo, perdi aquele *élan* que caracterizou os primeiros anos da Independência de Moçambique.

Interrupção: Mas há uma pessoa dessa geração que se chama Leite Vasconcelos¹³ e que disse uma vez: “Também, chega-se a um certo ponto que não é mais possível continuar a construir um Estado na base do voluntarismo”...

JC: Evidentemente, todo o nosso projecto tem uma dose de voluntarismo, muito mais forte do que de marxismo e o entusiasmo substituiu muitas vezes, a compreensão ideológica do processo: *“Vamos para a frente porque acreditamos, porque temos um líder em quem confiamos muito – que era o Samora – se ele diz que é para a gente ir para ali, vamos para ali...”* Isto é muito voluntarista. O próprio Samora era um voluntarista, tinha uma dose de voluntarismo muito grande.

O PPI¹⁴, por exemplo, a década para vencer o subdesenvolvimento é um projecto voluntarista, porque não havia condições para fazer aquele projecto, mas arrancou-se com o projecto, fizeram-se coisas fantásticas naqueles primeiros anos que depois soçobraram, não tiveram sustentabilidade. Mas é evidente que o país não se pode construir com voluntarismo, o país tem que se construir com racionalidade, com conquistas, com melhorias, com desenvolvimento, não só económico, mas do ponto de vista social, ideológico.

A gente correu muito para a frente e ficámos sozinhos... olhámos para trás, não tinha ninguém.

Interrupção: Certo, a geração que adere à FRELIMO, o próprio grupo dirigente decisório da FRELIMO e, digamos, uma grande empatia que o Mundo tem em relação a Moçambique, principalmente, pela sua luta em relação à Independência do Zimbabwe e contra o *apartheid*... (Interrupção de JC: E também pela falta de corrupção...) e pela falta de corrupção, por ser um País

¹³ **Teodomiro Alberto Azevedo Leite de Vasconcelos** (Arcos de Valdevez, Portugal, 4 de Agosto de 1944 - Maputo, Moçambique, 29 de Janeiro de 1997) foi um jornalista e escritor moçambicano. Bacharel em ciências sociais, Leite de Vasconcelos foi director da Rádio Moçambique. Foi ainda membro da direcção da Organização Nacional de Jornalistas e da Associação dos Escritores Moçambicanos. Em 1981 foi laureado com a "Medalha de Honra Julius Fucik" da Organização Internacional de Jornalistas. Para além dos seus escritos jornalísticos e de colaborações em vários jornais e revistas, Leite de Vasconcelos publicou em vida o livro de poemas "Irmão do Universo" (1994). No entanto, várias das suas obras foram editadas como publicações póstumas.

¹⁴ **PPI - Plano Prospectivo Indicativo** – Plano de ajuste da situação económica e de modernização da sociedade. Definia metas e idealizava grandes projectos económicos para a indústria pesada para acelerar a socialização do campo e criar bases para a eliminação do subdesenvolvimento em dez anos.

honesto, gera uma ideia de que nós somos capazes, nós vamos dar este salto, mas se calhar, a perna não chegava para um salto tão grande...

JC: Mas tem duas coisas: “*Nós somos capazes*” que estava muito ligado à liderança do Samora e “*Nós somos diferentes*”. Na realidade, não somos diferentes em coisa nenhuma. Nós somos aquilo que somos: Africanos, subdesenvolvidos, com todos os problemas reais do nosso país que acabaram por emergir e ficámos como os outros.

Nos primeiros anos parecia que tínhamos passado ao lado de alguns problemas, mas não, passámos por cima e os problemas ficaram lá na mesma e acabaram por vir atrás de nós e acabámos por ficar envolvidos e mergulhados nesses problemas.

P.: Portanto, pensa que houve uma sobrestimação daquilo que era possível fazer nessa altura. Mas por outro lado, há uma argumentação de que, inclusive neste nosso processo de entrevistas temos visto várias vezes esta argumentação, de que não havia outra solução...

JC: Isso é sempre complicado. Há certas coisas em que não havia outra solução. Quando se entra num corredor tem que se ir pelo corredor fora, se pára é-se atropelado. Vou dar alguns exemplos do que estou a dizer.

Os primeiros 2 anos, talvez 3 anos da Revolução, nós, quadros da Direcção, todos os sábados, de manhã cedo, íamos para os bairros, discutir com a população, ouvir as queixas da população, elaborar, tomar algumas decisões, trazer essa sensibilidade para a o colegial do Partido. Mantivemos um sentimento popular bastante aguçado. Aí já com uma pequena distorção, porque o nosso sentimento popular era urbano, não era rural que é o nosso DNA. O DNA da FRELIMO é rural e nós perdemos um pouco essa ligação com o DNA, mas mantivemos uma sensibilidade muito grande. Depois, essa sensibilidade de o que é que fazia?

Nos primeiros anos, primeiro fui Secretário de Estado do Trabalho e depois quando o Ministro da Informação saiu eu fui substituí-lo. Lembro-me ali no Ministério e mesmo já depois no Ministério dos Transportes apareceu gente a dizer: “*A minha empresa foi abandonada, o que a gente faz agora? O dono fugiu e agente não sabe fazer nada, não sabemos tomar conta da empresa*”. Então perdíamos 4, 5 dias, reunindo, vendo as capacidades, procurando gente e tentando recriar, uma forma de gestão, mais ou menos, participativa, com as pessoas, para manter a unidade em funcionamento. Depois com graves problemas, porque a gestão duma unidade não é apenas a sua manutenção, é também investimento, é também a renovação, uma série de coisas e essa dimensão perdemos com a gestão popular. Mas, depois começou, a uma certa altura, todos os dias a aparecer alguém a dizer: “*A minha empresa foi...*” Começámos a ficar afogados nessas situações. Não podíamos todos os dias perder 4 dias para resolver o problema, porque no dia seguinte já tinha mais 10.

Então apareceu um dos grandes problemas do nosso processo revolucionário, que foi: “*Na União Soviética faz-se assim...na RDA¹⁵ faz-se assim... na Bulgária faz-se assim...*” Os cooperantes davam conselhos, honestamente: “*Ah... esse problema... nós também tivemos e resolvemos desta forma, resolvemos daquela forma...*” Mas a geração que estava aqui que era cooperante, já resolveu com engenheiros, com quadros qualificados, etc., porque a geração que nos podia dar algum conselho era a geração do Lenine, quando não havia ninguém.

Então, começámos a ter que usar, a ter de nos socorrermos de estruturas e formas organizativas que não estavam no nosso DNA cultural e social. Então, era com voluntarismos que se conseguia fazer este casamento, o casamento entre a realidade do País e essas formas de gestão. Havia outra forma de fazer? Eu, sinceramente, ainda hoje, quando penso nisto e penso muito nisto, digo: “*Naquela altura não havia*

¹⁵ A República Democrática Alemã (RDA) foi criada em 1949 quando o território alemão foi repartido entre os Estados Unidos, o Reino Unido, a França e a antiga União Soviética. Enquanto a zona soviética deu origem à RDA, a junção das outras três deu origem à República Federal da Alemanha (RFA) ou Alemanha Ocidental. República Democrática Alemã apoiou os partidos e regimes comunistas nos países de expressão portuguesa após as suas independências de Portugal. Milhares de moçambicanos (os chamados “madgermanes”) e angolanos estudaram ou trabalharam na RDA. A República Democrática Alemã foi dissolvida a 25 de Setembro de 1990 com a reunificação das Alemanhas.

uma outra forma de fazer, se a experiência se repetisse íamos cometer os mesmos erros...” e outros teriam feito os mesmos erros que nós.

P.: Certo. Mas aí eu tenho que perguntar duas ou três coisas. Por exemplo, se diz que por situações, de proximidade com o *apartheid*, obviamente com uma radicalização da situação, portanto, isso obrigou que nós tivéssemos de escolher um campo. Isso é historicamente lógico, mas há que lembrar que, por exemplo, na Guiné-Bissau houve muito mais cuidado de não afirmar o marxismo-leninismo logo. Mesmo na afirmação do marxismo-leninismo em Moçambique a gente sabe, que a própria União Soviética não reconheceu... (Interrupção de JC: Nós éramos País de Orientação Socialista.” Ficámos País de Orientação Socialista. Depois, uma outra questão que se coloca mesmo que hipoteticamente: a FRELIMO tinha muita força quando chega à Independência, praticamente, tinha a sociedade todas nas mãos. Seria expectável à luz do pensamento de hoje, pelo menos, de que se fizesse uma eleição, porque ganhava com 70% ou 90%, como aconteceu, na verdade com o Zimbábwe. Também não queriam fazer eleições, foi Moçambique que disse: “Façam eleições” e ganharam com aquela extraordinária maioria que lhes deu legitimidade para poderem avançar durante muito mais tempo...

JC: Sim, mas também não nos podemos esquecer que em 1975 a situação era muito diferente daquela que já era em '80. Em '74 tinha sido a vitória do Vietname sobre os EUA, em '76 a Frente Sandinista tomou conta da Nicarágua. Mesmo na própria Europa, tinha havido o movimento estudantil, o Movimento dos Não Alinhados era forte. Estava tudo em processo de reelaboração muito grande. Havia uma conjuntura internacional que nos abria janelas de esperança e não só em Moçambique, mas em geral, no Mundo, abria janelas de esperança para uma transformação da sociedade. Essas janelas fecharam-se, rapidamente, porque naquela altura havia uma coisa que hoje já desapareceu, que se chamava Imperialismo e o Imperialismo tomou as suas medidas sérias e contra-atacou forte. Uma delas foi mudar o nome de Imperialismo para Globalização e começámos a sofrer.

Como é que foi o contra-ataque daquele velho Imperialismo? Foi pelos pontos mais fracos, foi a criação da estratégia das guerras de baixa intensidade, foi atacar todos esses países periféricos, para mudá-los, para tirar também a possibilidade de expansão ideológica e económica da União Soviética. Então, nós nem sempre tínhamos consciência exacta da posição que ocupávamos, éramos tão entusiastas, que não nos situámos: “*Nós vencemos o colonialismo português, nós contribuímos para a queda da Rodésia, quem nos pára?*” Pararam-nos.

Nós tínhamos um excesso de confiança. Mas é preciso dizer que o Mundo tinha um excesso de confiança, não éramos só nós. Nós estávamos naquela franjasinha onde eles começaram a comer, onde eles começaram a esmagar e quando nós demos por ela, estávamos esmagados.

P.: Há uma questão que é preciso colocar mesmo nesse sentido. O Niekerk¹⁶ que é o sul-africano do *apartheid* que lida com a RENAMO, tem uma discussão com o Generalato Sul-africano do *apartheid* em que os Generais ligados a Angola diziam que estavam sem meios para conseguir derrotar Angola e ele dizia com muito orgulho: “*Eu com muito menos dinheiro que vocês, desestabilizo muito mais Moçambique*”. Estamos a falar dum tipo de conflito, o angolano que é muito mais típico do conflito da Guerra Fria, do que a guerra em Moçambique. Por outro lado, também a reacção dos moçambicanos, em relação a isso. Mas também é verdade que é o primeiro que mantém uma relação com os Países Nórdicos, mantém uma relação com a Itália, da qual o Dr. Cabaço é uma ligação. Como é que Moçambique se perspectiva nesta situação?

JC: O processo de Angola e o de Moçambique são bastante diferentes, mesmo na sua génese. O DNA do MPLA¹⁷ é urbano, o nosso é rural. Tudo isso tem as suas implicações. Mas a preocupação do

¹⁶ Coronel Cornelius “Charles” van Niekerk, ou Comandante Charlie, como era conhecido entre a RENAMO, era o Oficial Sul-africano de ligação com os Serviços de Inteligência Rodesianos e viria a representar o rosto pessoal da desestabilização da África do Sul em Moçambique na década de 80. Serviu como adido militar em Nampula no início dos anos 70.

¹⁷ MPLA - Movimento Popular de Libertação de Angola é um partido político de Angola, que governa o país desde sua independência de Portugal em 1975. Foi, inicialmente, um movimento de luta pela independência de Angola, transformando-se num partido político após a Guerra de Independência de 1961-74. Conquistou o poder em 1974/75, durante o processo de descolonização e saiu vencedor da Guerra Civil Angolana de 1975-2002, contra dois partidos rivais, a UNITA e a FNLA.

Presidente Samora e da Direcção do Partido, foi organizarmo-nos, organizar o Estado, organizar a sociedade. Então, todos os escassos recursos que nós tínhamos, colocámos na sociedade civil. Na parte militar da nossa sociedade, nós procurámos reciclar o nosso exército.

É muito interessante, porque em '77 talvez, ou em '78 recebemos aqui uma visita do Secretário da Comissão de Controlo do MPLA que era uma pessoa excelente. Naturalmente, organizámos para ele visitar o país, foi ver tudo. Quando voltou sentámo-nos e estivemos a beber uma cerveja, a conversar. Aí ele disse-me: *“Ah, camarada Cabaço fiquei muito impressionado com Moçambique, porque o vosso Estado, com o nosso exército seria uma grande Nação.”* Eu disse: *“Pois era, mas a outra Nação seria o vosso Estado com o nosso exército”*. O nosso exército era mais fraquinho, estava em reconstrução. O Estado era forte, tinha, efectivamente uma eficiência razoável, para as condições em que estávamos.

Eles tinham privilegiado o exército, por causa da pressão da guerra em Angola, a pressão sobre Luanda, a pressão sobre as cidades, da FNLA¹⁸, dos Sul-africanos, da UNITA¹⁹. Eles tinham pegado em todos os quadros que tinham na sociedade civil e tinham colocado no exército. Então, tinham um exército, tecnicamente apetrechado, treinado, sem dúvida, um grande exército. Ainda hoje é um grande exército.

Nós não tínhamos feito esse esforço, porque a pouca capacidade que tínhamos, colocámos na organização da sociedade. Isso determinou que se os sul-africanos tivessem apanhado, quando começaram a atacar, um exército que já não era de guerrilha, porque já estava em fase de transformação, mas ainda não era um exército convencional, porque ainda estava em fase de formação. Então, era um exército com vulnerabilidades do ponto de vista da sua homogeneidade.

Em Angola transformou-se rapidamente num exército convencional, porque tinha a frente do Sul, tinha a frente do Norte, tinha a FNLA. Depois também tinha um apoio massivo dos cubanos e um apoio forte da União Soviética.

Nós nunca tivemos aqui tropas, nem cubanas, nem soviéticas, nem nada. Portanto, era um outro tipo de confrontação e isso era tão verdade que na estratégia de hegemonia militar dos Falcões da África do Sul, se eles tivessem ganho o Cuíto Cuanavale²⁰, eles tinham-nos atacado, tinham-nos invadido, eu não tenho dúvidas nenhuma. O Cuíto Cuanavale é também uma vitória de Moçambique, porque foi o fracasso deles, a derrota deles em Cuíto Cuanavale que criou contradições dentro da África do Sul, para não encorajar uma aventura expansionista em Moçambique, uma aventura de invasão a Moçambique.

Então, eu penso que a conjuntura era um pouco complementar. Era natural que ele dissesse: *“Nós temos mais vitórias em Moçambique, do que temos em Angola,”* porque, em Angola lutavam com os cubanos, lutavam com angolanos muito estruturados, com os cubanos e com os soviéticos

Interrupção: Mas disse que a diferença grande era o DNA e que a libertação em Moçambique tinha um DNA (Interrupção: rural, camponês). Ora o que acontece é que precisamente o desenvolvimento da guerra que se assiste a seguir, podemos falar da guerra civil, é precisamente uma guerra que se passa essencialmente no campo, não passou a ser uma guerra trazida para as cidades...

Mas com um exército nosso que estava na fase de se transformar em exército convencional. Portanto, desadaptado para a guerra. Por que o Presidente Samora insistiu tanto na formação de comandos, o que não conseguiu? Foi uma das dificuldades que ele teve na sua estratégia, para materializar isso. Por que os soviéticos não queriam formar comandos? Porque eles queriam um exército convencional, porque um exército convencional servia também para a geoestratégia de confrontação da Guerra Fria. Eles queriam um exército capaz de operar tanques, de operar mísseis, de pilotar aviões, etc., porque

¹⁸ FNLA - Frente Nacional de Libertação de Angola foi um dos movimentos nacionalistas angolanos durante a guerra anticolonial de 1961 a 1974, juntamente com o MPLA e a UNITA. No processo de descolonização de Angola, em 1974/1975, bem como na Guerra Civil Angolana de 1975 a 2002, combateu o MPLA ao lado da UNITA.

¹⁹ UNITA - União Nacional para a Independência Total de Angola, é um partido angolano, fundado em 1966, por dissidentes da FNLA e do GRAE (Governo de Resistência de Angola no Exílio), de que Jonas Savimbi, fundador da UNITA, era Ministro das Relações Exteriores.

²⁰ Batalha de Cuíto Cuanavale foi o maior confronto militar da Guerra Civil Angolana, ocorrido entre 15 de Novembro de 1987 e 23 de Março de 1988. O local da batalha foi o sul de Angola, na região do Cuíto Cuanavale, província de Cuando-Cubango, onde se confrontaram os exércitos de Angola FAPLA (Forças Armadas Populares de Libertação de Angola) e Cuba (FAR) contra a UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola) e o exército Sul-africano. Foi a batalha mais prolongada que teve lugar no continente africano desde a Segunda Guerra Mundial.

esse era o exército que no caso duma confrontação global, ou pelo menos na fase do equilíbrio global, com os Estados Unidos, se contavam as espingardas, se contavam capacidades que haviam num sítio e no outro. Quer dizer, *“Temos tropas em Moçambique, 200 tanques. Basta mandar 200 operadores num avião da União soviética e temos 200 tanques operacionais em Moçambique”*.

Então, os desígnios estratégicos, na minha opinião, na minha leitura do problema, os desígnios estratégicos da União Soviética não eram, exactamente, a luta contra a RENAMO, era a luta contra a... confrontação global na Guerra Fria. Contar armas.

Interrupção: Neste caso ter-se-iam distraído um pouco...

JC: Eu penso que se distraíram bastante até... não foi um pouco, porque o exemplo que se tem aqui é que a nossa dificuldade foi, nessa altura, talvez, não termos lido bem os antecedentes históricos. Estava acontecendo em Moçambique o mesmo que tinha acontecido no Egipto, anos atrás, quando eles colocaram lá os tanques de guerra, porque os tanques de guerra eram, fundamentalmente, para contar espingardas. Quando houve a invasão de Israel e houve a confrontação, os Egípcios não estavam em condições de operar com eficácia.

Nós tivemos aqui um problema, o famoso ataque dos rodesianos ao Chókwe, os nossos tanques estavam lá e podiam ter liquidado aqueles rodesianos todos. Simplesmente, os nossos tanques operaram como artilharia, não operaram como tanques, não manobraram como tanques. Se tivessem operado os tanques tinham apanhado aqueles rodesianos todos.

P.: Certo. Não se fala hoje muito na geração que tem sido o tema desta entrevista, porque de certa maneira, há vergonha e medo. Naquela altura com esse voluntarismo todo que existia: *“Faça-se... Não há meios, arranjem-se!”*, partia-se para o trabalho para se fazer e fazia-se, porque se fizeram muitas coisas. Eu recorde-me, talvez o exemplo mais típico disto, é as formações e o trabalho voluntário na Cruz Vermelha. Os trabalhos voluntários eram feitos naquela altura, sem qualquer discussão de remuneração. Portanto, existe, de facto a ideia de que antigamente, se fazia tudo pelo interesse das pessoas e hoje qualquer iniciativa: *“Quanto é que vai custar? Quem é que nos vai dar dinheiro?”* Mesmo antes de começar a discutir, mesmo que sejam as eleições. Isto mostra que há uma mudança de paradigma muito grande. Concorda que esta é uma razão pela qual não se quer falar muito desse passado?

JC: Concordo. Há dois aspectos nesta questão. Com todos os problemas que nos tínhamos naquela altura, se tivéssemos um filho doente, ele era tratado no Hospital, com recursos difíceis, mas era tratado gratuitamente. Hoje, vai-se ao Hospital e tem de se pagar e não se paga ao Estado, paga-se às pessoas que vêm tratar o filho. Então, eu tenho de saber quanto dinheiro eu tenho em casa para poder responder a isso. Eu quero matricular o meu filho na Escola, eu tenho que pagar ao professor. Quer dizer, hoje toda a sociedade está viciada, ou não permite que as pessoas sejam desinteressadas, como eram, na altura.

Por outro lado e esse é um aspecto muito importante, havia uma motivação ideológica muito forte, um entusiasmo muito grande. Ideológico aqui, não é tanto o marxismo, ideológico significa patriótico, nacional, e o entusiasmo de um arrastava o entusiasmo dos outros. Eu lembro-me, por exemplo, eu costumava dizer para explicar bem essa diferença que nós tínhamos aqui com os técnicos dos países socialistas da Europa, que eram já países consolidados, tinham 40, 50, 60 anos de socialismo e tínhamos também os cubanos que eram muito mais ideológicos e muito mais voluntaristas, muito mais agitados, como nós dizíamos na altura. Se havia um problema e num sítio qualquer, o competente engenheiro da Bulgária ou da RDA, dizia: *“Eu preciso duma chave 4x7 para abrir isto”* e se não havia a chave 4x7 a máquina ficava parada. O cubano vinha e com os dentes abria e apertava, punha arame e a máquina funcionava... mal, ia rebentar daí a uns dias, mas funcionava.

Este é um pouco o nosso espírito que havia naquela altura. Nós tínhamos este espírito do improvisado, o que era uma vantagem e era um inconveniente, porque acabávamos por não adquirir uma profissionalização sofisticada, porque resolvíamos os problemas com arame. Essa era a solução do

arame. Mas essa era a expressão do momento. Com muito pouco, ou, às vezes com nada, a gente fazia muito, em relação a nada que tinha.

Hoje é, exactamente, o contrário. Agora estamos numa crise económica, mas o dinheiro aparece e para fazer qualquer coisinha é preciso muito dinheiro e com o dinheiro que a gente hoje usa para fazer coisas banais, ou com o dinheiro que se pede para fazer coisas banais, naquela altura, fazia-se um montão de coisas.

Devo dizer, o primeiro orçamento da Televisão Experimental de Moçambique, foram 15 mil dólares, o orçamento operativo. Porquê? Porque vinha alguém da Rádio e vinha fazer de graça lá na Televisão, vinha outro técnico lá do Instituto de Cinema, vinha outro de não sei onde... e com 15 mil dólares pusemos a funcionar uma televisão, que era completamente amadora, mas é aquela que deu origem a estas televisões que nós temos aqui.

Eu lembro-me, só para dar um exemplo, houve um campeonato de futebol internacional que tínhamos tecnicamente a possibilidade de transmitir, mas não tínhamos, financeiramente a possibilidade de o pagar. Então, escrevi, assinei uma carta, para a Televisão nacional dum país que não vou dizer o nome, dizendo: *“Nós somos uma Televisão sem publicidade, é experimental, estamos a pedir autorização...”* Eles acharam assim uma coisa ridícula, que nem nos responderam e o que é que a gente fez? Dissemos: *“Vamos deixar... não responderam, vamos colocá-los perante o facto consumado.”* Falámos aqui com o Embaixador desse país e dissemos: *“Olhe, mande vir filmes sobre os sítios onde vão ser feitos os Jogos, a gente vai mostrar...”* Ele ficou todo contente, porque era uma publicidade ao País dele... Quando chegou a altura, dois ou três dias antes, mandou-se um telegrama a dizer: *“Muito obrigado por não terem recusado, nós vamos começar a transmitir”* - quem cala, consente... -

Nesse mesmo dia chegou um telex, naquela altura era o que havia, a dizer: *“Mas vocês não podem transmitir.”* Eu peguei no telex e fui ter com o Embaixador e disse: *“Olhe, o seu País não me deixa transmitir... há uma expectativa na cidade para ver o Campeonato, então, eu, pessoalmente, o Ministro da Informação, tenho que ir à Televisão dizer que o País tal não nos deu licença para transmitir”*. *“Espera aí, eu vou falar ...”* Ele falou para o Governo dele que acabou por mandar dizer: *“A título excepcional e pelo preço simbólico de 500 dólares, nós autorizamos vocês a transmitir...”* E transmitimos. Este era o espírito, um pouco de aventura, um pouco trapaceiro, sei lá, o que a gente quiser chamar. Mas a gente transmitiu e vocês... todos nós aqui... vocês todos talvez não, porque são jovens, mas os que têm mais idade, seguiram esse campeonato, aqui.

Este espírito hoje já não é possível, reconheço que não é possível, mas não é a forma como a gente resolvia, é o espírito que está por detrás disto, quer dizer, a combatividade com que a gente afrontava os problemas. Hoje, se se exalta este espírito, estes valores, este espírito de sacrifício, está-se, de certa forma, a pôr em causa, a forma como hoje se resolvem os problemas, que é uma forma completamente tecnocrata, uma forma completamente financeira, é uma forma completamente de país rico que não somos, de corrupto, naturalmente.

P.: O doutor é sociólogo e, portanto, como sociólogo, queria que me desse a sua opinião sobre se é possível desenvolver uma sociedade sem que haja uma proposta social ou política, um sonho, um objectivo... seja o que for. Os americanos tinham “a conquista do Oeste”, o *self-made man*, nós tínhamos “contar com as próprias forças”, etc... Houve sempre exagero que criou aquilo que podemos chamar o consenso geral dum País, para poder avançar. Percebe-se que pelo Mundo em geral e hoje em Moçambique, em particular, esse *teaser* não existe. Há uma drenagem deste tipo de ideias. A pergunta é: Pensa que é possível, realmente, conseguir-se o desenvolvimento sem o substrato de sensibilidade comum?

JC: Hoje em dia, todo o esforço do capital financeiro internacional é para eliminar esse estímulo, esse *teaser* que você fala. O capital financeiro internacional não quer e por isso, é o Estado mínimo, por isso a Nação vai acabar, por isso a agenda é global. Todos estes conceitos que hoje prevalecem e que não são ainda conceitos consolidados e vitoriosos... A gente está a ver a Europa agora como está em retrocesso, em relação a este processo da Comunidade Europeia, porque, na realidade, os grandes Estados deste Mundo... Vai-se a Inglaterra... tem um sentido de Nação Inglesa, vai-se a França... são

Comunidade Europeia. Tudo muito bem, mas França é França, Espanha é Espanha, Inglaterra é Inglaterra, Estados Unidos são Estados Unidos.

Portanto, este sentimento de pertença, em que eles dizem: “*Não existe, não há... Acabou, isso é um conceito ultrapassado*”. Os meus colegas sociólogos desses grandes países dizem: “*Esse é um conceito ultrapassado, é um conceito do passado... você é uma ruína do passado, quando vem com esses conceitos...*”

Mas a verdade é que existe. O que faz mexer os Franceses e põem lá o Macron... é porque traz um projecto de reabilitação do prestígio da França. Não é que o Macron não seja o representante do capital financeiro internacional, que é, mas ele apareceu e revestiu-se desse carácter: “*Eu vou restabelecer o prestígio da França*”. Até o desgraçado, o infeliz do Trump, ele ganhou as eleições porque ele disse: “*Vamos pôr os Estados Unidos outra vez como grande potência ...*” É um discurso nacional, que está atrás do sucesso deles... O Putin, a grande Rússia... nenhum deles é expressão do fim dos Estados nacionais, antes pelo contrário, é uma reafirmação duma identidade nacional que se estabelece no seu Estado.

Aqui falou-se muito da auto-estima... A auto-estima não é nada. A auto-estima tem de estar ligada a um projecto e a uma realização, nem que seja uma Selecção Nacional de futebol que é campeã de África. Já é alguma coisa. A auto-estima não é um valor. Há um exemplo muito bom disso, porque auto-estima é colocar o *teaser* no indivíduo, não é colocar o *teaser* na colectividade e se esse estímulo não é da colectividade, não existe esse impulso. Vamos todos juntos fazer alguma coisa. A auto-estima é cada um por si.

Eu estou completamente de acordo que para sobreviver, tem que se ter estímulo... Por exemplo, tenho uma grande admiração pelos angolanos. Com todos os defeitos, críticas que as pessoas fazem, se falamos com um angolano, ele está convencido que Angola é o melhor país do Mundo e não há nada melhor do que Angola. Eu tenho muitos amigos angolanos e a gente acaba por brincar com eles, mas eles são, efectivamente... e estão a transmitir isso às novas gerações, às crianças. Eu tenho amigos, que os filhos dizem: “*Angola é que é bom, a minha terra é Angola*”. Nós não temos esse sentimento apurado, desenvolvido. Isso é uma fraqueza que nós temos no país.

Interrupção: Mas também porque os projectos que se apresentaram, as lideranças políticas passaram a ser mais clientelistas e *trade mark* ...

JC: Isso é toda uma conversa muito longa para se fazer, mas é... não estamos muito longe disso... Não estamos muito longe disso...

P.: Pronto doutor... para terminar, a gente sempre no fim, costuma deixar os microfones abertos para nos contarem dois ou três episódios, ou um episódio, que marque aquilo que é a entrevista.

JC: Eu já contei muitos episódios durante a entrevista...

Interrupção: Tem algum que até, pessoalmente, guarde memórias... nós agradecemos...

JC: Talvez... a experiência de trabalhar com o Presidente Samora e trabalhar no colectivo chefiado por ele, porque não foi só com o Presidente Samora. Foi uma experiência muito importante, marcante na minha vida e marcante do ponto de vista de aprendizagem. Há muita gente aí, mal-intencionada e pateta, que diz que o Samora era uma marionete dum grupo que estava à volta dele. A minha percepção é completamente diferente. A minha percepção é que o grupo que estava à volta dele era uma marionete de Samora, um pouco isso, porque Samora tinha uma forma extraordinária de trabalhar colectivamente.

Ele era Chefe e como chefe, nunca podia ser posta em causa a sua autoridade e ele trabalhava duma forma muito simples. Ele tinha um problema no serviço, no seu dia-a-dia e precisava de opiniões. Para reflectir e para decidir, ele organizava um café em sua casa. Chegávamos a casa, cansados do Ministério, e tínhamos um telefonema do Protocolo: “*Hoje à noite o Presidente está a chamar para tomar um café.*” A gente já sabia... a gente chegava lá sentava-se na sala do piano, como se chamava lá na Ponta Vermelha e ele estava ali. Perguntava: “*A família, como é que está?*” Era um grupo que estava sempre ali... uns 7, 8 pessoas... Ministros, outros auxiliares, Conselheiros, Directores de empresas, sei lá... pessoas que ele

pensava que devia convidar... e ele começava, então, muito sub-repticiamente, colocava o problema, não explicitamente... mas: *“O que é que tu pensas sobre isto?”* Estimulava a discussão. Então, cada um de nós falava, não estava a falar num colectivo, não estava dirigindo-se directamente às expectativas do Presidente. Eu, pessoalmente, comecei a aperceber-me, que um mês depois, num discurso de improviso do Samora, havia uma ideia, uma frase que tinha sido discutida naquela reunião, que ele tinha assumido e que ele usava, se apropriava dela. Então, ele se apropriava daquilo que se queria apropriar e daquilo de que não queria se apropriar, não se apropriava.

Há uma história que, aliás, já escrevi, são essas as duas histórias que eu queria contar. Foi um famoso discurso que ele fez aos quadros da Saúde, penso que em Dezembro de '79, não me recordo muito bem, em que houve uma mudança muito grande sobre os colectivos... sobre a organização do trabalho em que ele acabava um pouco com os colectivos de enfermeiros..., o médico é que manda... aquilo era uma renovação do processo de hierarquização.

Ele deu-nos as instruções todas e nós fomos trabalhar, eu fazia parte do grupo, não era o chefe do grupo. Nós mesmos estávamos chocados com esta mudança de Directiva Presidencial, pois nós nas nossas conversas dizíamos: *“O Presidente disse isso... mas eu penso que o que ele queria dizer era isto...”* Então fomos reinterprestando segundo aquilo que era a nossa opinião, as palavras que ele nos tinha dito.

Bom, fizemos o discurso, preparámos o discurso e como era costume, fomos ler para o Presidente. Havia sempre depois a leitura do discurso e a correcção, os comentários dele, as correcções. Eu fui encarregado de ler esse discurso para o Presidente. Habitado que estava nos grupos de redacção que o Presidente interrompia com frequência: ... *“Isso não... o que é isso?”* Ele não interrompeu. Eu li o discurso para aí de 40 minutos de fio a pavio, sem uma única interrupção do Samora. Sei que estava a ler e pensei: *“Ou isto está muito bem, ou estará uma confusão do arco-da-velha...”*

Quando acabei de ler o discurso, ele fez aquele sorriso dele muito cordial, irritado, ele tinha um sorriso irritado que a gente tão bem conhecia e disse: *“O discurso é lindo, é ótimo”* – falou para mim, mas estava a falar para o grupo, sabia que não era eu o autor do discurso – *Olha, camarada Cabaço, tu vais pegar nesse discurso e lá tens uma gaveta, não é? Coloca esse discurso numa gaveta, quando tu fores Presidente da República, tu pegas nesse discurso e vais fazer esse discurso. Agora, vais fazer o meu discurso, porque o Presidente sou eu, não és tu. Então vocês vão sair daqui e vão fazer o discurso com isto, isto, isto e isto.”* A mesma coisa...

Sáímos dali completamente atarantados e fomos fazer o discurso, porque no dia seguinte ele falava e lembro-me que foi de tal forma, que a reunião começou com quase uma hora de atraso, nossa culpa, porque o discurso estava atrasado e ele começou a falar, ainda faltavam umas 10 páginas do discurso, para baterem à máquina. Era bater à máquina e entrar com as folhas, para ele ir lendo. Depois, ele foi improvisando e acabou o discurso. Portanto, ele sabia... os discursos eram dele, ele sabia exactamente o que queria... mas não era ele que escrevia, ele mandava... tinha gente para escrever... isto é uma das histórias.

Outra realmente é os parâmetros do Presidente Samora. Ele tinha parâmetros de qualidade muito elevados. O tal discurso da modernidade, de que eu falei no princípio desta entrevista, eu também aprendi com ele e aprendi da forma mais traumática de que se pode aprender, porque eu tinha estado em Dar es-Salaam, logo no princípio, quando fui para Ministro dos Transportes e tinha ficado chocado com a desorganização que era o Porto de Dar es-Salaam. Embora consciente de que os nossos Portos eram desorganizados, o de Dar es-Sallam batia qualquer um dos nossos Portos.

Eu vinha com aquele orgulho nacional de que, afinal *“Não somos tão maus como isso”*. Quando o Presidente foi visitar o Porto da Beira, para lançar a Ofensiva²¹, – é uma história que muita gente conhece – ele começou a reclamar, contra a desorganização do Porto. Eu, tentando moderar as coisas disse: *“Presidente... sim, é verdade, mas se o Presidente visse o Porto de Dar es-Salaam como está...”* Ele disse: *“O Porto de Dar es Salaam porquê? Porque é que tu vais ver o Porto de Dar es-Salaam que é pior que o teu e não*

²¹ **“Ofensiva Política e Organizacional Generalizada na Frente de produção”**. Com o aumento dos conflitos e contradições no país, Samora Machel, discursando num comício em 1980, apelou à continuação do combate para construir uma nova sociedade, com nova mentalidade, o ‘homem novo’, caracterizando o que considerava os inimigos do povo. Seguiram-se extensas visitas às unidades de produção e novas directivas económicas.

vais ver o Porto de Roterdão e não fazes um Porto igual ao de Roterdão? Enquanto este Porto não estiver igual ao de Roterdão este Porto não serve.”

Era muito simbólica esta conversa, porque nós como subdesenvolvidos, de mentalidade, tínhamos sempre a tendência de olhar para o que vai roto, para dizer que nós vamos mal vestidos, mas não vamos rotos e nunca temos a tendência para olhar para o que vai bem vestido e dizer nós ainda estamos mal vestidos, temos que estar bem vestidos como aquele. Isso são coisas que eu aprendi com o Samora, são dois exemplos só, mas são muitos que eu aprendi com o Samora, que eu nunca vou esquecer e que foi a grande Escola, a grande Escola da minha vida.

P.: Se voltasse todo o tempo atrás fazia a mesma coisa?

JC: Se tivesse aquela idade, fazia. Fazia, pelo menos, com a mesma dedicação, com o mesmo entusiasmo.